

hoje  
em  
dia



“Suas construções pictóricas convocam os recursos plurais dos planos, relevos, perfis, côres reais, côres refletidas, atingindo integração perfeita em suas propostas objetivas.” É desta maneira que Abelardo Zaluar se refere aos trabalhos do pintor João Carlos Galvão, atualmente expostos na Galeria IBEU. O rapaz, carioca, 29 anos, está praticamente radicado em Paris, mas fará no Brasil duas exposições individuais.

## O estruturalismo de João Carlos

Foi ainda em pequeno que João Carlos começou seus estudos de pintura. Mais tarde entrou para a Escola Nacional de Belas-Artes mas não ficou lá. Sentia-se muito preso aos esquemas convencionais, preferindo então abandonar a escola e tentar novos caminhos, todos eles com grande liberdade de criação.

Em 1967 participou da Bienal de São Paulo e os trabalhos que apresentou despertaram a atenção do crítico Pierre Restany, que vinha ao Brasil convidado pelo Itamarati. O francês chegou mesmo a considerá-los o que de melhor havia na seção de pintura do Brasil. Foi nesta época que João Carlos ganhava uma bolsa de estudos do Governo francês e que foi fundamental para sua arte.

Durante oito meses trabalhou na equipe de Vasarely, indo depois para o atelier de Sérgio Camargo, onde ficou como seu único assistente.

— Esta minha experiência como assistente de Sérgio Camargo foi da maior importância para mim, pois tenho aprendido muito com ele. Além disso, tive oportunidade de entrar em contato com o meio parisiense, o que serviu como enorme contribuição para minha arte. Sempre tive tendência para a pintura estrutural, o que já

pude mostrar na Bienal de São Paulo e nas duas Bienais da Bahia de que participei. Mas minha arte era menos requintada e, em Paris, passei a me preocupar principalmente pelo universalismo da arte. Aqui no Brasil isto quase que é impossível, os pintores são principalmente regionalistas, o que não serve para abrir os mercados americanos e europeus.

As obras de João Carlos mostram uma problemática essencialmente estrutural, quase que completamente desligadas da realidade objetiva da natureza. Mas apesar do resultado quase que matemático, formal, a criação, segundo ele, é sempre intuitiva.

O convite para a exposição de que está participando, junto com dois outros artistas, na Galeria IBEU, veio de Azelardo Zaluar. O artista, diz o próprio João Carlos, conseguiu captar muito bem todo o sentido da obra do pintor, onde há, visivelmente, uma enorme preocupação pela cor. Diz Abelardo Zaluar:

— Caminhando para grande depuração através de formas retangulares, João Carlos Galvão alcança ritmo espacial através da diversificação dimensional de seus elementos. Uma feliz e criteriosa conjugação entre o ideal geo-

métrico e o sensorialismo da cor, criadora de uma linguagem com valores próprios do artista, que certamente marcará sua volta ao cenário artístico brasileiro, no qual irá se destacar.

A dimensão, como apontou Zaluar, é outra grande preocupação do artista. Toda pintura de João Carlos é tridimensional, o que provoca uma relação diferente entre a obra de arte e o espectador. Todos os seus quadros são feitos em madeira compensada e a tinta que emprega é a acrílica fluorescente. Isto provoca grande efeito plástico, pois em alguns quadros parece que existe uma luminosidade quase que artificial.

— Isto é até engraçado. Muitos dos alunos do IBEU que vêm aqui ficam curiosos com o efeito, querendo saber se existe alguma luz por trás.

Além desta exposição — que termina amanhã — João Carlos pretende fazer no Brasil mais duas, uma no Rio e outra em São Paulo, mas ambas individuais. Em setembro do ano que vem pretende voltar para Paris, onde, segundo ele, há muito mais possibilidades de o artista vencer, por haver um mercado maior, poder aquisitivo mais elevado e muito profissionalismo.

MARIA CRISTINA BRASIL